

Boletim

Nº 1.971 - Ano 43 - 3 de abril de 2017



ECONOMIA DO DESASTRE

O rompimento da barragem da mineradora Samarco, em novembro de 2015, provoca redução de R\$ 1,44 no PIB de Minas Gerais e R\$ 1,37 no de Mariana para cada R\$ 1 que deixa de ser gerado com a interrupção da produção de minério de ferro. Essa projeção, feita pelo economista Thiago Simonato, autor de dissertação de mestrado defendida na Face, também considera o espraio dos impactos por regiões e setores econômicos.

Página 5

Resplendor, no Vale do Rio Doce, é um dos municípios afetados pelo rompimento da barragem

Dieta rica em fibras alivia efeitos da gota, conclui estudo do ICB

Página 4

Sobre **ESTACIONAMENTOS** e **SARIEMAS***

Wellington Marçal de Carvalho**

Nas minhas andanças por espaços do campus Pampulha, tenho percebido que o ritmo acelerado pauta, em grande medida, nosso cotidiano e nos ameaça distanciar de aspectos simples da vida humana. Digo isso pensando no quão estranhos muitos de nós nos tornamos ao migrar da condição de pedestres para a de condutores de veículos pelas ruas e avenidas do campus.

Salvo melhor juízo, como não condenar o comportamento irracional de um condutor de veículo automotor – carro, motocicleta, ônibus, caminhão – que ignora as regras de trânsito e não pratica a norma de dar a preferência para pessoas que tencionam atravessar as vias nas faixas de pedestre?

Sou do parecer de que a “esperança pode mais que o temor”, como escreveu o teórico Celso Lafer, em texto de apresentação do atualíssimo livro *Sobre a violência*, da filósofa política alemã, de origem judaica, Hannah Arendt. É claro que estamos todos muito ocupados, com a “corda sempre no pescoço”, o que tornaria a correria justificável. Mas... será?

Lembro, com certo saudosismo, de uma campanha educativa que o Centro de Comunicação (Cedecom) e a Pró-reitoria de Administração, com apoio do Sindifes, da Apubh e do DCE, lançaram em 2011, denominada Bocados de Gentileza, que, em sua chamada, trazia a seguinte proposta: “Que tal mudar um pouco o seu cotidiano? O que você acha de tornar o ambiente ao seu redor um pouco melhor? A UFMG convida você a se engajar na campanha Bocados de Gentileza. Essa campanha busca promover uma mudança de atitude nos membros da comunidade universitária, ressaltando a contribuição das pessoas para uma boa convivência nos *campi*. Em uma primeira fase, iremos abordar problemas relativos a trânsito, lixo e conservação das áreas verdes. Ao longo de todo o ano, iremos tratar de vários assuntos e temáticas de interesse da comunidade universitária e da sociedade em geral. [...] Participe! A gentileza atrai, encanta e contagia as pessoas!”

Cabe aqui justificar o motivo do saudosismo em relação a essa campanha, que tinha como mascote a Graciosa, nome escolhido para a ave que já nos acostumamos a encontrar mergulhando no lago da Biblioteca Central em busca de peixes. Às vezes, a disputa por vagas de estacionamento nos afasta quilômetros da manutenção de relações cordiais entre nós. Na ânsia por estacionar, atropelam-se o bom senso e as normas mínimas, valentemente sinalizadas em locais espalhados pelo campus.

Na condição de responsável por um desses espaços – o estacionamento ao lado da Biblioteca Central –, certa vez me vi tentando conclamar o meu bom senso e o de alguns outros usuários do local para uma questão que deveria ser óbvia para todos. Falávamos ao mesmo tempo, com a intenção de encontrar um denominador comum que não se pautasse pelo “jeitinho” e pela invenção de vagas que não existem. Com os ânimos exaltados, não conseguíamos perceber o quão ridícula e lamentável era aquela situação, marcada pelo palavrório desconexo – uma cilada da rotina maquina que não abria espaço para o trato urbano, gentil, que deveria ser corriqueiro, sobretudo no local de trabalho e estudo.

Aliás, o bom convívio é, para nossa vergonha, regulado por leis. O trato respeitoso, com urbanidade, é preconizado pelo Regime Jurídico Único (RJU), previsto na Lei 8.112 e no Decreto 1.171, de 22 de janeiro de 1994, que aprovou o Código de Ética Profissional do Servidor Público Civil do Poder Executivo Federal.

Para nossa salvação, eis que, de repente, aproxima-se do grupo uma sariema. Claro que aquela ave, de canto muito característico, que durante o dia vive nos descampados, não foi notada. Estávamos muito concentrados em nossa discussão para percebê-la. Essa visita só poderia ser um sinal que apenas consigo minimamente compreender com o auxílio do professor de teoria da literatura Hans Ulrich Gumbrecht e com os sentidos que ele atribui à “experiência estética na vida cotidiana”.

A chegada da sariema naquele momento, com uma das patas machucada, ousadamente postada próximo a nós, ilustra um dos sentidos do conceito de Gumbrecht. Fico pensando que nessas relações sociais cada vez mais coisificadas, destituídas de humanidade, perversas até, a aparição e a estada persistente da ave naquele estacionamento são como um recado de uma presença contumaz inflada de positividade, que poderia ter vários nomes e que até poder-se-ia chamar de Deus, a nos lembrar que sempre será possível chegar a um lugar mais ameno, mais respeitoso, mais gentil, mais cortês. Algo de que as atribuições e a dureza da rotina cotidiana têm nos afastado, ainda que eu não concorde com esse afastamento.

Nesse sentido, somos de muita sorte e agradecemos à sariema por nos lembrar que é necessário o retorno da gentileza. Seria interessante avivarmos os anseios daquela campanha de 2011 que tratava da óbvia preferência, nas faixas de pedestre, que deve ser conferida às pessoas em detrimento dos veículos. É urgente vociferar menos, caros motoristas, com os colegas condutores quando formam diminutas filas para deixar atravessar, em local apropriado, os pedestres que aqui circulam.

As sariemas serão sempre bem-vindas, sobretudo para golpear nossas consciências hiperatarefadas, proporcionando-nos um incômodo, uma possibilidade de significar o núcleo duro do real, agenciando um rompimento no fluxo da rotina, detonando uma pequena crise, um desvelamento do ser que, nos parâmetros da experiência estética da vida cotidiana, nos ponha para repensar nossas relações sociais.

**Varição de seriema < tupi sari'ama, “crista em pé”* (HOLANDA FERREIRA, 1986, p. 1574)

**Servidor técnico-administrativo em Educação, bibliotecário-documentalista, doutor em Letras/Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. Dirige a Biblioteca Universitária/Sistema de Bibliotecas da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

EXTENSÃO VALORIZADA

Proex abre consulta sobre a integralização de créditos curriculares pela participação em ações extensionistas nos cursos de graduação da UFMG

Zirlene Lemos*

O Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) estabelece que ao menos 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação sejam preenchidos por programas e projetos de extensão universitária, com prioridade para áreas de maior relevância social. Com o objetivo de ampliar o espaço dessa dimensão acadêmica no percurso dos estudantes de graduação, a Pró-reitora de Extensão abriu consulta aos colegiados de graduação e centros de extensão acerca da integralização de créditos curriculares pela participação em ações de extensionistas.

“Pretendemos mapear as ações de extensão já creditadas e identificar outras passíveis de creditação nos cursos de graduação da UFMG”, informa o professor Adriano Nascimento, diretor de Avaliação da Extensão. De acordo com a pró-reitora de Extensão, professora Benigna Maria de Oliveira, existe grande expectativa em relação aos resultados da consulta, que termina no próximo dia 24. “Levantamento anterior revelou que 90% dos cursos já previam alguma forma de integralização, e acreditamos que esse número poderá ser ampliado, assim como as formas de creditação”, afirma.

Nessa direção, as pró-reitorias de Extensão e de Graduação têm desenvolvido estratégias para o cumprimento da meta do PNE, como o edital de fomento a iniciativas de formação em extensão universitária, que está em sintonia com a Resolução 12/2015, de 22 de setembro de 2015, aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). “Na primeira edição desse edital, em 2016, foram aprovadas nove propostas. Em reunião de avaliação com os coordenadores dos projetos, constatamos significativa demanda por parte dos estudantes e impacto nas comunidades parceiras. Diante do retorno positivo, decidimos ampliar o edital, com previsão de lançamento no próximo mês.”

Teoria e prática

Um dos exemplos de creditação curricular que tem alcançado bons resultados vem da Escola de Veterinária da UFMG, com as Aulas Práticas Integradas de Campo (Apic). Essa ação de interface ensino-extensão surgiu em 1978 por demanda dos próprios estudantes, que sentiam falta de aplicar os conceitos estudados na teoria. Durante uma semana, alunos e professores visitam em média 20 propriedades rurais e realizam diversas atividades, o que possibilita contato com diferentes sistemas de produção rural, como explica a professora Kelly Moura Keller: “Buscamos integrar a UFMG e a comunidade; nosso objetivo é interagir, atendendo às reais necessidades da localidade que nos recebe”.

A Apic é uma disciplina optativa, ofertada três vezes por semestre, da qual participam alunos regularmente matriculados, a partir do sétimo período, além de voluntários e residentes de pós-graduação. “Temos 40 alunos matriculados na primeira turma de 2017 e outros oito alunos, entre voluntários e pós-graduandos”, informa. “Nosso atendimento é direcionado aos pequenos produtores rurais que geralmente não têm acesso a qualquer tipo de assistência técnica. Todas as atividades são executadas por demanda. Se, de um lado, a comunidade se interessa pela presença da Universidade no



Carol Prado/UFMG

Benigna e Adriano: mapeamento de atividades passíveis de creditação

local, de outro, o estudante, que está finalizando seu processo de formação profissional, se vê diante de uma oportunidade real de trabalho”, enfatiza Kelly.

Outro projeto também contemplado pelo edital de fomento a iniciativas de Formação em Extensão Universitária é o Escolas Saudáveis, coordenado pelo Departamento de Odontologia Social e Preventiva da Faculdade de Odontologia. Desenvolvido desde 2011 em escolas de ensino fundamental da rede municipal de Belo Horizonte, mantém interface com as ações do Programa Saúde na Escola (PSE), mantido pelo governo federal. A iniciativa já promoveu oficinas sobre higiene, alimentação e hábitos saudáveis, cultura de paz, saúde bucal, entre outros temas, com resultados positivos para a mudança de hábitos dos estudantes e da comunidade escolar.

A professora Efigênia Ferreira e Ferreira, coordenadora do Programa de Extensão de Saúde Bucal, ao qual o Escolas Saudáveis está vinculado, considera a extensão uma dimensão fundamental na formação do aluno, que concilia a prática com a reflexão teórica. “A creditação é feita na Faculdade de Odontologia há muito tempo e rende um crédito a cada 15 horas de participação em ações de extensão. Já o Escolas Saudáveis confere até oito créditos”, informa. De acordo com a professora, a creditação estimula a participação dos alunos, pois “eles percebem que o que fazem na extensão vale tanto quanto se estivessem em sala de aula, em uma disciplina interna”.

A discussão sobre creditação curricular também consta da programação do 48º Encontro Regional do Fórum de Pró-reitores da Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior (Forproex) Sudeste, que ocorrerá de 5 a 7 de abril, no campus Pampulha, integrando as comemorações dos 90 anos da UFMG. A programação e outras informações sobre o encontro estão disponíveis em <http://bit.ly/2nMetTV>.

*Assessora de Comunicação da Pró-reitoria de Extensão

ANTÍDOTO para a GOTA

Estudo do ICB com camundongos indica que dieta rica em fibras alivia sintomas associados a essa doença inflamatória genética

Barbara Costa Farias*

Uma dieta rica em fibras introduzida em camundongos pela professora Angélica Thomaz Vieira, do Departamento de Bioquímica e Imunologia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), reduziu, nesses animais, a resposta inflamatória induzida por cristais de ácido úrico, o que indica benefícios para o tratamento da artrite gotosa e alívio de seus sintomas, como dor intensa, inchaço e vermelhidão nas articulações. Se não for tratada, essa doença genética pode provocar sérias restrições na qualidade de vida dos doentes.

Desenvolvida em modelo animal, a pesquisa mostra evidências de que dietas ricas em fibras ou ácidos graxos de cadeia curta promovem a prevenção da inflamação induzida pelo aumento de cristais de ácido úrico na articulação do joelho. Os camundongos tratados com uma dieta rica em fibra ou ácidos graxos de cadeia curta apresentaram melhor resposta à inflamação.

Os animais foram alimentados durante 14 dias com dieta enriquecida de um tipo de fibra solúvel (Pectina) muito encontrada na casca de frutas cítricas e alguns legumes. Foi feita uma avaliação da inflamação no joelho dos camundongos logo depois da indução da gota, que se deu com a injeção de cristais de ácido úrico no local, e outra 16 horas após esse procedimento. Nos animais que consumiram fibras, observou-se uma redução nos sinais clínicos e nas inflamações na comparação com outros camundongos não submetidos a esse tipo de alimento.

“Os tratamentos resultaram na resolução da resposta inflamatória, prevenindo a lesão e disfunção tecidual – alteração no tecido que o impede de exercer suas funções e que pode provocar o desenvolvimento de outras doenças –, melhorando, inclusive, sinais clínicos como a dor”, esclarece Angélica Thomaz. Com esse trabalho, ela recebeu os prêmios Thereza Kipnis, da Sociedade Brasileira de Imunologia, e Pemberton, de incentivo a pesquisas direcionadas à saúde e ao bem-estar da sociedade, promovido pela Coca-Cola. A pesquisadora, que iniciou o estudo ainda no doutorado, foi orientada pelo professor Mauro Teixeira.

Metabólitos

A pesquisa também avalia a importância das substâncias resultantes do metabolismo das bactérias do intestino, os metabólitos, na redução da doença. Eles podem atingir a corrente sanguínea e provocar a morte programada de neutrófilos – tipo de célula/glóbulo branco do sistema imune – diretamente relacionados com a inflamação na gota.

“Compreendendo a maneira como os alimentos interagem com a nossa microbiota, será possível propor dietas ou estratégias bioterapêuticas que poderão ajudar pessoas com doenças inflamatórias diversas, promovendo, assim, sua saúde e bem-estar”, afirma a pesquisadora, lembrando que a incidência de gota tem crescido em países com dieta alimentar assentada

na chamada *fast food*, alimentação com baixo teor de fibras e alto teor de gordura.

Embora congênita, a gota tem na comida um importante fator de potencialização. Com base na compreensão do processo que associa alimentação com redução da resposta inflamatória, os pesquisadores do ICB pretendem desenvolver estratégias bioterapêuticas de reorganização das bactérias da microbiota – grupo de bactérias benéficas hospedadas no intestino humano – por meio de dietas ricas em fibras, probióticos e pós-bióticos.

As conclusões do estudo desenvolvido pela professora Angélica Thomaz Vieira estão descritas no artigo *Dietary fiber and the short-chain fatty acid acetate promote resolution of neutrophilic inflammation in a model of gout in mice*, disponível em <http://bit.ly/2ogdpVZ>.

Doença dos reis

Conhecida há mais de quatro mil anos, a gota era chamada de doença dos reis, porque as cortes organizavam festas ricas em carnes e álcool, dois importantes fatores de risco para a inflamação.

A artrite gotosa é uma doença reumatológica, inflamatória e metabólica que atinge as articulações, como dedos dos pés, joelhos, cotovelos ou tornozelos. Ela afeta principalmente os homens – incidência 20 vezes superior à das mulheres em 95% dos casos – a partir dos 50 anos. Mulheres são afetadas geralmente após a menopausa.

Uma das causas da gota reside no fato de algumas pessoas nascerem sem um mecanismo enzimático responsável pela excreção do ácido úrico pelos rins. A produção excessiva de ácido úrico pelo organismo, em decorrência de um “defeito” enzimático, ou o uso de medicamentos, como diuréticos e o ácido acetilsalicílico, também podem levar à diminuição da excreção renal do ácido úrico. A maioria dos casos de artrite gotosa é provocada por falhas na eliminação ou na produção do ácido úrico. Não há tratamento definitivo, e a alimentação adequada pode amenizar os efeitos da doença.

Projeto Correspondente/ICB



Angélica e Teixeira: estudos podem subsidiar elaboração de estratégias bioterapêuticas

*Estudante de graduação em Letras e integrante do Projeto Correspondente do ICB

A CONTA da TRAGÉDIA

Pesquisa projeta consequências econômicas do rompimento da barragem em Mariana, considerando a interdependência de setores e regiões

Itamar Rigueira Jr.

Os impactos econômicos do desastre de Mariana têm sido subestimados no âmbito regional. “Comenta-se muito sobre os rios e o meio ambiente afetados, mas pouco sobre o prejuízo para as economias locais, que é significativo”, alerta o professor Edson Paulo Domingues, da Faculdade de Ciências Econômicas (Face).

A avaliação de Domingues está calcada em dados obtidos em pesquisa realizada sob sua orientação, no Núcleo de Estudos em Modelagem Econômica e Ambiental Aplicada (Nemea) da UFMG, pelo economista Thiago Cavalcante Simonato, que defendeu trabalho de mestrado em fevereiro deste ano. O objetivo do estudo foi contribuir para avaliar os desdobramentos e medir a distribuição regional e setorial dos impactos negativos, além de subsidiar a elaboração de políticas de redução de danos e recuperação econômica.

“Foi possível projetar impacto importante sobre o PIB e as exportações regionais”, afirma Thiago Simonato. Os estudos concluíram que, para cada R\$ 1 de queda na produção de minério de ferro em Mariana, o PIB total do município cai R\$ 1,37, e o do estado de Minas Gerais, R\$ 1,44.

O pesquisador desenvolveu, especialmente para o estudo, modelo de simulação que considera interdependências econômicas de setores e regiões, em grande escala. Os resultados contemplam efeitos sobre siderurgia, comércio e agropecuária de outros municípios e áreas mais amplas.

Denominado DamAge – *dam* significa barragem em inglês, e Age faz referência a análise aplicada de equilíbrio geral (AGE) –, o modelo provém de outro de tradição australiana (Term), adaptado há algum tempo para a realidade brasileira. O DamAge inclui mais de 50 mil variáveis e 30 mil equações sobre grande e detalhada base de dados de Minas Gerais, originada de relatórios do governo do estado e informações disponíveis até meados de 2016.

Choques

Sobre o chamado cenário-base (equilíbrio inicial) pré-desastre, o pesquisador aplicou choques ou perturbações que conduzem a novos equilíbrios. O modelo leva em consideração dados de contas nacionais e regionais, matrizes de insumo-produto, informações sobre comércio exterior, produção industrial e emprego, entre outras. “Foi preciso desagregar os municípios mais relevantes para compreender a interdependência”, explica Simonato.

Thiago Simonato fez duas simulações. Na primeira delas, os efeitos do desastre foram projetados para o período 2016-2020, sem a retomada das atividades de mineração em Mariana. “Nesse cenário, apesar da predominância de perdas nos municípios de Mariana, Barra Longa e Rio Doce, os resultados indicaram espraio expressivo dos impactos negativos para os municípios ao longo do Rio Doce, transmitidos principalmente pelas compras e vendas regionais”, relata o pesquisador.

Os principais indicadores econômicos não se recuperam em cinco anos, em razão, sobretudo, da permanência dos impactos negativos sobre setores econômicos importantes para diversos municípios. Por exemplo, danos gerados pela destruição de áreas de plantação e pastagem comprometeram excessivamente a atividade agropecuária em cidades muito dependentes desse setor. É grande o impacto sobre indicadores como o consumo das famílias.

Em novembro de 2015, rompeu-se um dos diques de barragem de rejeitos da mineradora Samarco, que resultou em 19 mortos e centenas de desabrigados.



Vista de Governador Valadares, a maior cidade do Vale do Rio Doce

Arquivo Agência Nacional de Águas

“Por outro lado, municípios que não sofreram perdas diretas e que dependem muito da produção de minério de ferro apresentaram variações positivas no PIB e nas exportações regionais, já que a hipótese é de que a produção interrompida em Mariana seja redirecionada para essas áreas”, diz Thiago Simonato.

Com retomada

A segunda simulação encontrou os efeitos da retomada da produção de minério de ferro a partir de 2018 e até 2020. De acordo com o estudo, nesse cenário, o processo de recuperação seria acelerado, mas não levaria à plena recomposição econômica. Ainda que se considerem os impactos positivos indiretos da atividade mineradora em Mariana sobre outros setores e regiões, predomina a relevância das perdas relacionadas à agropecuária e indústrias instaladas.

“Políticas de incentivo devem considerar que muitos municípios necessitam de muito mais que a retomada de produção em Mariana”, enfatiza o pesquisador. Ele acrescenta que é mais que justificada a urgência de se discutir a criação de fundos de emergência destinados exclusivamente à reestruturação regional em caso de desastres, utilizando como fontes de financiamento compensações financeiras já existentes.

Thiago Simonato, que já iniciou pesquisa de doutorado na USP, comenta também que, nos cenários com e sem retomada, Mariana fica em situação complicada, já que a atividade que gera a maior parte dos impostos tem queda significativa, e o município precisa prover serviços públicos para uma população que tende a permanecer constante.

Dissertação: *Projeção dos desastres econômicos regionais do desastre de Mariana (MG)*

De Thiago Cavalcante Simonato

Orientador: Edson Paulo Domingues

Defesa em fevereiro de 2017, no Programa de Pós-graduação em Economia do Cedeplar/UFMG

PRÁTICAS SEDIMENTADAS

Pró-reitoria de Graduação apresenta anteprojeto das novas normas de graduação, que recebe sugestões da comunidade até o fim do mês

Itamar Rigueira Jr.

A Pró-reitoria de Graduação reuniu, no último dia 24, no campus Pampulha, gestores, docentes, servidores e estudantes para apresentar, esclarecer e receber sugestões sobre as novas normas gerais para a graduação da UFMG, reunidas em anteprojeto. O processo foi iniciado há cerca de um ano e meio, e espera-se que seja concluído até junho deste ano. “Grande parte do conjunto de normas sedimenta práticas e aprendizados acumulados em muitos anos, promovendo melhorias e removendo obstáculos mais operacionais que conceituais”, explicou o pró-reitor, Ricardo Takahashi, durante a apresentação.

Segundo ele, as mudanças também visam atender às novas demandas da sociedade, marcada por relações mais complexas. “Os mecanismos de geração de conhecimento vêm mudando, sobretudo de duas décadas para cá, e os egressos de nossos cursos devem ser capazes de lidar com isso”, afirmou Takahashi.

Depois de apresentar breve cronologia de mudanças, internas e externas, que afetaram a estrutura da graduação na Universidade desde 1990, o pró-reitor defendeu que, no lugar da fragmentação – em que novos cursos são criados, e os profissionais ficam “confinados” em suas áreas –, deve-se optar pela convergência, pela troca de experiências e pela transversalidade, que proporcionam aos estudantes caminhos múltiplos.

Segundo Takahashi, o anteprojeto procura estabelecer que os cursos se mantenham como guardiões da identidade de suas áreas de conhecimento e atuação, mas também ocupem espaços de convergência e de experimentação. “A graduação que deve ainda estar estruturada para uma relação cidadã com o público, de forma a lidar com a inclusão de deficientes, estudantes mães, pessoas em situação de sofrimento mental e refugiados políticos, entre outros”, afirmou.

Quatro dimensões

A reconfiguração dos currículos contemplaria, segundo o anteprojeto e em linhas gerais, quatro dimensões: a formação específica (disciplinas obrigatórias e optativas), a complementar (disciplinas e atividades fora da formação característica do curso, incluindo mobilidade acadêmica), formação geral (disciplinas não específicas, como redação de textos científicos, por exemplo) e formação avançada (atividades da pós-graduação).

Uma das principais novidades da proposta para as novas normas é o chamado tronco comum – partes de currículos comuns a vários cursos – que pode mesmo vir a constituir estrutura de ingresso na Universidade. “Nesse caso, o aluno poderá, ao concluir um curso, ganhar o direito a solicitar a continuidade dos estudos, para obter um segundo diploma”, anunciou Ricardo Takahashi, acrescentando que cursos do ICEx já consideram a possibilidade de estabelecer



Docentes e servidores acompanharam a explanação do pró-reitor Ricardo Takahashi

Foca Lisboa/UFMG

entrada comum. Ele disse ainda que as novas estruturas formativas passariam a contar com coordenações e regulamentos próprios.

Trajetórias híbridas

Na explanação do anteprojeto, o pró-reitor de Graduação chamou a atenção para a possibilidade de experiências como trajetórias acadêmicas híbridas – combinando percursos e formatos (presencial e a distância, por exemplo) – e cursos de oferta temporária, que poderiam ser rediscutidos e incorporados ou não, e outros em atendimento a demandas pontuais, também por prazo limitado.

A proposta das novas normas, organizada com base em sugestões de cerca de 500 membros da comunidade acadêmica, trata também de formas de integralização dos currículos – que incorporem oficialmente atividades extraordinárias, sem notas, e comprovação de conhecimentos, como em idiomas estrangeiros – e regras de ingresso e cancelamento de registro.

Coordenadores de cursos presentes à reunião sugeriram, entre outros tópicos, a não obrigatoriedade de os alunos cursarem disciplinas de cursos ou departamentos diferentes e comentaram que o debate sobre mudanças na graduação pode gerar regras para respaldar propostas inovadoras tanto relacionadas à gestão curricular quanto a práticas docentes.

A comunidade poderá enviar sugestões sobre as novas Normas Gerais de Graduação até 28 de abril, pelo e-mail normasgrad@prograd.ufmg.br. O texto final deverá ser aprovado pela Câmara de Graduação até 30 de maio, antes que o assunto tramite no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), durante o mês de junho. O anteprojeto está disponível para consulta em <http://bit.ly/2nzFTf8>.

[Matéria publicada no Portal UFMG, seção Notícias UFMG, em 24/03/2017]

TO EM INTERAÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de graduação em Terapia Ocupacional vai realizar, em 19 e 20 de maio, a 2ª Jornada de Terapia Ocupacional, com o objetivo de promover conexões entre diferentes áreas para formação de novos saberes. As inscrições estão abertas.

Mesas-redondas vão reunir, no auditório 1 da Face, pesquisadores de terapia ocupacional, arquitetura, geografia, engenharia, neurociências, comunicação, direito, artes, medicina e ciências sociais para debates sobre espaço e cotidiano, processos criativos, trabalho e saúde e neurociências, entre outros temas. Outras informações estão disponíveis no site do PET (<http://www.eeffto.ufmg.br/petto/index.html>).

PARADOXOS E LABIRINTOS

Pesquisadores brasileiros e estrangeiros de áreas como filosofia, literatura e história vão conversar sobre conceitos-chave surgidos na Antiguidade Clássica durante o 7º *Simpósio lendo, vendo e ouvindo o passado: entre aporias, dilemas, paradoxos e labirintos*. O evento será realizado de 25 a 28 de abril, em Tiradentes e São João del-Rei.

O objetivo é discutir a variedade de significados dos quatro termos e a recepção dos conceitos na contemporaneidade. A programação inclui, na semana anterior, uma mostra de filmes como *Glauber – o filme, labirinto do Brasil*, de Silvio Tendler, e *O labirinto do fauno*, de Guillermo del Toro. Outras informações sobre o simpósio, promovido pelos programas de pós-graduação em Filosofia e em Estudos Literários, estão disponíveis em <http://www.letras.ufmg.br/labirintos/>.

Erramos

REVISTA LITERÁRIA

Na matéria *Além de uma antologia* (edição 1.970, de 27 de março), foi informado, no primeiro parágrafo, que a Revista Literária da UFMG publicou “cerca de 300 trabalhos de autores e de 110 ilustradores”. Na verdade, a revista publicou cerca de 300 escritores e 110 ilustradores. A alteração já foi feita na versão on-line do BOLETIM (<http://bit.ly/2ozAbYg>).



Carol Prado/UFMG

Peças foram produzidas no ateliê de esculturas da Escola de Belas Artes

ESCULTURAS E LIVROS DE ARTISTA

A Biblioteca Central, no campus Pampulha, abriga exposições de livros de artista e de esculturas de metal, no quarto andar e no saguão, respectivamente.

A mostra *A plenos pulmões* reúne livros que põem em discussão temas políticos e sociais, como as contradições da opinião pública, a ação dos sindicatos e dos movimentos sociais, o racismo, a luta das mulheres por igualdade de direitos, a ditadura e a censura. O curador da exposição, Amir Brito Cadôr, reuniu 21 obras do acervo da Escola de Belas Artes, que poderão ser manuseadas em visitas mediadas por bolsistas – nesses casos, deve ser feito agendamento pelo e-mail colesp@bu.ufmg.br ou pelo telefone (31) 3409-4615. A exposição pode ser visitada até 5 de maio, das 8h às 22h.

As esculturas foram produzidas por alunos do ateliê de escultura da EBA, no contexto do projeto Desenvolvimento, criado em 2008 e coordenado pelo professor Fabrício Ferdinando. O projeto possibilita que os estudantes vivenciem os processos ligados a uma exposição artística – elaboração do conceito, divulgação, programação visual, projeto expográfico e produção. A mostra fica aberta até 29 de abril, das 7h30 às 22h. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-5293.

AValiação DOS RESTAURANTES

Os restaurantes e cantinas universitárias estão sendo avaliados pela comunidade acadêmica por meio de atualização disponível no aplicativo Viver UFMG. Os usuários devem responder à pesquisa pela captura dos QR Code, que podem ser encontrados nos cartazes e adesivos fixados nos RUs. Com a avaliação sobre cardápio, cordialidade, agilidade no atendimento e limpeza, a Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump) – que gerencia os RUs – espera mapear aspectos que necessitam de aperfeiçoamento.

O aplicativo do Programa Viver UFMG, disponível nas versões Android e IOS, fornece informações sobre matrícula, normas acadêmicas, estágios e bolsas, plano de estudos, assistência estudantil, transporte interno no campus Pampulha, esporte e lazer na Universidade, entre outras.

EVENTOS CIENTÍFICOS

Catorze eventos propostos pela UFMG serão apoiados pela Fapemig, na primeira entrada da Chamada 12/2016, que vai beneficiar 59 iniciativas de instituições científicas, tecnológicas e de inovação sediadas em Minas Gerais. O investimento total é de R\$ 570 mil.

Os eventos da UFMG financiados pela chamada abrangem áreas como nanotecnologia, cartografia histórica, saúde mental e formação de professores na América Latina e no Caribe. O objetivo da iniciativa é incentivar a divulgação de resultados de pesquisas e contribuir para a promoção do intercâmbio científico e tecnológico.

As propostas para a segunda entrada serão recebidas até 15 de maio. Outras informações podem ser obtidas pelo e-mail ci@fapemig.br.

PROTAGONISTAS da própria formação

Livro que será lançado nesta semana resgata a trajetória e revela os caminhos pedagógicos do Observatório da Juventude

Itamar Rigueira Jr.

Em 2002, quando se iniciaram as ações do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis – que ofereceu oportunidades de formação e articulação em rede a jovens ligados à vida cultural da periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte –, nasceu também o Observatório da Juventude da UFMG. Capaz, como poucos, de somar ensino, pesquisa e extensão, o Observatório alcançou abrangência nacional e envolveu cerca de cinco mil jovens e 200 colaboradores, entre estudantes de graduação e pós.

Essa história de 15 anos será celebrada nesta semana com seminário e lançamento do livro *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG* (Mazza Edições), organizado pelo professor Juarez Dayrell, da Faculdade de Educação e coordenador do projeto.

Assim como o processo de produção metodológica característico do Observatório, a obra foi construída a diversas mãos, com a participação de educadores que atuam nos projetos Formação de Agentes de Projetos Sociais – que trabalhou, entre outros, com oficinas do programa Fica Vivo –, Interagindo, que contribuiu para a formação de jovens aprendizes de 15 a 17 anos vinculados à Cruz Vermelha e que atuaram na UFMG, e Formação de Agentes Culturais Juvenis.

As experiências com esses projetos são descritas em três capítulos, que se seguem a um texto de abertura em que Dayrell conta a trajetória do Observatório da Juventude. No último capítulo, educadores dos três projetos se juntam ao organizador para abordar elementos comuns às ações. O objetivo é chamar atenção para uma “pedagogia da juventude”. “Não damos receita nem temos a pretensão de ser formuladores, mas mostramos uma possibilidade para estimular outros grupos a traçar seus próprios caminhos”, diz Juarez Dayrell.

Ampliar capacidades

Um dos pressupostos que têm guiado o trabalho do Observatório da Juventude, explica o professor da FaE, é o de que os processos educativos devem ser baseados na noção de formação humana, que transcende a transmissão de conhecimentos e se apoia na importância de ampliar capacidades. A inspiração para essa opção vem de Paulo Freire, Miguel Arroyo e Neidson Rodrigues, entre outros educadores.

Os métodos do projeto também valorizam o lugar e as experiências de origem dos jovens e as especificidades da faixa etária. “Isso leva a escolhas relacionadas a tipos e dinâmicas das atividades, divisão dos tempos etc.”, afirma Dayrell.



Acervo Observatório da Juventude

Observatório estimula a construção de uma “pedagogia da juventude”

O capítulo final do livro explicita princípios que perpassam todas as atividades como a interação social, o estímulo à autonomia e à postura investigativa, o trabalho coletivo como organizador das ações e a construção de conhecimento que parte da realidade vivida pelos jovens. “Incentivamos as relações entre eles e o aproveitamento de múltiplos espaços. O educando deve ser gestor e protagonista de sua própria formação. Ele sugere técnicas e atividades, participa do planejamento e experimenta sempre. Autonomia se aprende, exercitando. Os jovens fazem suas escolhas e são responsáveis por elas”, enfatiza Juarez Dayrell.

O Observatório da Juventude, um dos projetos pioneiros do gênero em universidades brasileiras, atua no contexto das políticas de ações afirmativas, atento à condição juvenil nas políticas públicas, na vida cultural e na ocupação das cidades. Seus integrantes ajudaram a fundar e contribuem para o funcionamento do Fórum das Juventudes da Grande Belo Horizonte.

O seminário *Por uma pedagogia das juventudes: reflexões sobre metodologias de trabalho com jovens* será realizado nos dias 6 e 7, na Faculdade de Educação, com transmissão via web (facebook.com/faeufmg). Pesquisadores e representantes de organizações sociais vão conversar sobre educação popular e experiências educativas no ensino médio. A programação prevê, ainda, oficinas sobre tecnologias, relações de gênero, drogas e direitos, entre outros assuntos.

Livro: *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG*

Editora: Mazza Edições

Distribuição gratuita e download em <http://bit.ly/1C7CG9m>

Lançamento: dia 7, sexta-feira, às 17h, no auditório Neidson Rodrigues, da FaE